

LEONARDO BOFF

Ecoteólogo e filósofo

Duas antropologias em oposição, pressupostas na IA

O Papa Francisco na Laudato Si; sobre o cuidado da Casa Comum (2015) submeteu a uma rigorosa crítica à tecno-ciência por ser uma entre outras causas da degradação da nautreza.Trata-se da vigência do paradigma do dominus (ser o dono), imperante em toda a modernidade sem o ser humano sentir-se parte da natureza. A este paradigma do dominus o Papa na Fratelli tutti (2020) contrapõe o paradigma do frater (irmão e irmã). Todos os seres são nossos irmãos e irmãs porque todos viemos do mesmo pó da Terra. Ademais, todos,dos mais ancestrais, passando pelos dinossauros, pelos pássaros e chegando a nós possuímos o mesmo código genético de base,os 20 aminoácidos e as quatro bases fosfatadas. Daí se deriva uma fraternidade universal, entre os humanos e estes com todos os demais seres da natureza. Um laço de amor e de amizade, enfatiza a encíclica, deveria envolver a todos.

Essa fraternidade universal projeta outro tipo de mundo, de política, de economia, começando desde baixo, da região, sempre a serviço da comunidade de vida seja da natureza seja dos humanos, particularmente dos mais vulneráveis. Daqui nasce uma nova ética de solidariedade e de cooperação que possui na parábola do bom samaritano, detalhadamente analisada pela Fratelli tutti, o seu ponto de referência exemplar.

1.A ANTROPOLOGIA DA VIGILÂNCIA

Subjacente à encíclica Magnifica Humanitas vigoram duas antropologias por ele criticadas: a da vigilância e a do cuidado. Na metáfora do Papa, a Babilônia e Jerusalém. A primeira, a da vigilância foi primeiramente formulado pela filósofa e psicóloga estaduninense Shoshanna Zuboff em 2021. Depois foi assumida pelo fundador da Palantir Peter Thiel. Não tem em vista o processo econômico, mas o controle e a vigilância das pessoas. Peter Thiel parte de uma antropologia extremamente reducionista:”o homem é um ser perigoso, marcado por paixões, naturalmente,inclinado ao conflito,necessitando de contenção”.

A estratégia é vigiá-lo,subtraindo-lhe espaços de liberdade de tal foma que possa ser contido dentro do

sistema imperante,capitalista neoliberal especulativo. Esta encontra nomes mais suaves para serem melhor absorvidos, sem mudar sua lógica: “democracia de mercado” ou de “capitalismo democrático”.

Essa antropologia levou o pensador Garrett Hardi a afirmar:”Tendo eliminado todos os outros inimigos, o homem é agora o seu pior inimigo; ao terminar com todos os seus predadores, o homem é o predador de si mesmo”

Essa estratégia de controle e de vigilância devido à crise climática enfrentará grandes distúrbios sociais. Pretendendo salvar a humanidade de sua perversidade natural, a subjuga totalmente.

É nesse sentido que a Magnifica Humanitas, submete à rigorosa crítica, mesmo reconhecendo-lhe alguns méritos, o transhumanismo e o póshumanismo. O transhumanismo visa explorar ao máximo as habilidades humanas mediante expedientes técnicos e biológicos visando maior eficiência em função da acumulação. O póshumanismo é mais radical, pois visa a acoplar de tal forma o ser humano à máquina e à natureza que inovaria a história e fundaria uma nova era geológica à semelhança do antropoceno.

Toda estas propostas são derivações do paradigma da modernidade, do dominus,o ser humano se apropriando de tudo e colocando-se fora e acima da natureza. Por mais severa que seja a observação, importa reconhecer que este projeto que exclui a transcendência e se apoia apenas nas ações humanas, realiza a construção da Babilônia denunciada pelo Pontífice. Ele não aponta para uma maior humanização e para relações sociais mais amigáveis. Dada sua lógica interna de competição sem solidariedade tal projeto pode nos levar à autodestruição. Isso já fora anteriormente advertido pelo cosmólogo Carl Sagan ao considerar o risco da difusão de armas letais. Ele cunhou a expressão o princípio da autodestruição.

2.A ANTROPOLOGIA DO CUIDADO E DA PREVENÇÃO

A esta antropologia da vigilância e do contole se opõe a antropologia do cuidado e da prevenção, a reconstrução da Jerusalém que, junto ao esforço humano, inclui uma referência ao transcendente, a Deus. A vantagem desta categoria do cuidado é que ela pertence à essência do ser humano, como foi visto desde a fábula 220 de Higino na antiguidade romana e aprofundada por Martin Heidegger em seu Ser e Tempo e a enfermeira

inglesa Florence Nightingale. A Carta da Terra e a encíclica do do Papa Francisco tem como subtítulo:Sobre o cuidado da Casa Comum.

O cuidado representa uma relação não agressiva e amigável para com tudo o que existe e vive. Se as Big Techs e a IA fossem imbuídas de cuidado e do princípio da prevenção de males possíveis, jamais poriam em risco a vida humana e o futuro do planeta com toda a sua biodiversidade.

Este paradigma do cuidado emerge como o mais adequado à proposta do Papa Francisco e do Papa Leão XIV e do melhor da reflexão ecológica, de um mundo caracterizado pelo amor e pela amizade. Ele está dentro das possibilidades humanas. A visão antropológica de Peter Thiel esquece que o ser humano é por essência um ser de amor como foi demonstrado pelos biólogos James Whatson, Humberto Maturana e Francisco Varela, ambos chilenos. Igualmente é um ser de solidariedade, pela qual ele deu o salto da animalidade para a humanidade. A new science atual afirma ser a espiritualidade um dado objetivo da natureza humana, como é a razão e a vontade. Revela-se pelo amor, pela cooperação,pela abertura ao Mistério do mundo, na linguagem de cosmólogos chamado de All-nourishing Abyss(Abismo gerador de tudo).

A sociedade da vigilância e do controle treina as pessoas, a sociedade do cuidado as educa.Essa educação é urgente se quisermos continuar sobre este planeta vivo, nossa pátria e mátria comuns. Então não se realizará a advertência do Papa Francisco na Fratelli tutti:”Estamos todos no mesmo barco. Ninguém se salva sozinho. Ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”. O Papa Leão XIV com sua Magnifica Humanitas,nos oferece orientações viáveis para garantirmos um futuro bom para a humanidade, a Casa Comum e a natureza.

Vale a esperançosa sentença de um estudioso da cultura patriarcal,o brasileiro Antonio Sales Rios Neto que seguramente vai na linha positiva da Magnifica Humanitas e da nova ecologia: “Iniciativas emergirão a ponto de tornarem possível uma democracia planetária, que abraça o pluralismo de modos de viver e uma economia que reencontre o seu sentido original – a preservação da vida e o cuidado da nossa única Casa Comum –, a tempo de evitar a interrupção prematura da experiência humana. Não custa muito imaginar e tentar!” Assim o queira Deus.

JOLIVALDO FREITAS

Jornalista e Escritor

A soberania do Pix

É uma briga que nem precisava ser mas o sistema de pagamentos instantâneos Pix entrou no centro das tensões comerciais entre Brasil e Estados Unidos. Como se não tivesse coisa melhor para fazer Donald Trump, sempre ele, citou o Pix dentre os argumentos para a imposição de tarifas de 25% sobre produtos brasileiros. Claríssimo está que a medida está mais ligada à disputa por maior influência no sistema financeiro do planeta. Não estamos concor-

rendo com as bandeiras tipo Visa e Mastercard.

Como todos aqueles mais atentos sabem e nem precisa ser especialista em economia ou finanças, o Pix deu um plus inestimável para o setor financeiro brasileiro, fortalecendo e oferecendo autonomia ao país. Não temos mais que depender dos famigerados operadores alienígenas e além do mais estamos vendo a integração em todos os níveis da sociedade. Quase todo mundo sabe o que é o Pix.

Nós, hoje, temos um instrumento com cara de soberania e independência. O Pix é modelo desejado por dezenas de países e o Brasil já vem exportando seu

modelo. Plataformas nacionais de pagamento reduzem a vulnerabilidade de países a sanções financeiras internacionais, uma vez que diminuem a dependência de redes controladas por empresas sediadas nos Estados Unidos garantem os especialistas.

O avanço desse modelo não se restringe ao Brasil. A União Europeia já anunciou o desenvolvimento do Euro Digital, previsto para entrar em fase piloto em 2027, reforçando uma tendência global de busca por maior autonomia nos sistemas de pagamentos eletrônicos. Enquanto isso os Estados Unidos estão a se morder de raiva sem vacina certa.

YORKI ESTEFAN

Presidente do SindusCon-SP

Emprego na construção desacelera, mas setor segue entre os que mais contratam

O ritmo de geração de empregos na construção vem desacelerando. De acordo com o Caged, o setor gerou 12 mil novos postos de trabalho com carteira assinada em maio, ante 16,6 mil criados no mesmo mês de 2025. No acumulado de 12 meses até maio, a construção criou 91 mil empregos, ante 98,7 mil gerados no mesmo período imediatamente anterior.

O nível de emprego no setor não cresceu em todos os estados em maio. São Paulo fechou 688 postos de trabalho com carteira assinada, repetindo em menor escala o que aconteceu no mesmo mês de 2025, quando encerrou 983. Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Roraima, Alagoas e Rio Grande do Norte também diminuíram o número de empregados na construção.

A variação também ocorre dentro dos Estados. Na cidade de São Paulo, por exemplo, o saldo entre admitidos e demitidos no setor foi de apenas 43 trabalhadores em maio, novamente repetindo o ocorrido no mesmo mês de 2025, quando este saldo registrou somente 57.

Os resultados refletem sobretudo a redução do ritmo da atividade da construção desde dezembro, segundo a maioria das construtoras ouvidas na Son-

dagem da Construção do FGV IBRE em junho. Além disso, o principal quesito que mais limitou o crescimento dos negócios continuou sendo a falta de mão de obra, mesmo a não qualificada, conforme assinaram as empresas na enquete.

A Sondagem registrou que o setor permanece moderadamente pessimista, com recuo nos indicadores de Situação Atual dos Negócios, Carteira de Contratos e Demanda Prevista, e ligeira melhora em Tendência dos Negócios.

Mesmo com todas as dificuldades, a construção segue muito relevante para a economia. Em maio, foi o segundo setor que mais criou empregos: 16,5% dos 72,9 mil postos criados no país. Ao final daquele mês, a construção empregava 3,1 milhões de trabalhadores.